



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM ENERGIA E SUSTENTABILIDADE  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NAS  
ÁREAS DE CONHECIMENTO CIÊNCIAS DA NATUREZA OU MATEMÁTICA

IVANEIDE GAMA BARBOSA

**AS PLANTAS MEDICINAIS E SUA RELEVÂNCIA NO CONTEXTO  
SOCIAL NO ASSENTAMENTO SANTA LUZIA EM OUROLÂNDIA  
BAHIA**

FEIRA DE SANTANA  
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM ENERGIA E SUSTENTABILIDADE  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NAS  
ÁREA CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS DAS NATUREZA OU MATEMÁTICA

IVANEIDE GAMA BARBOSA

**AS PLANTAS MEDICINAIS E SUA RELEVÂNCIA NO CONTEXTO  
SOCIAL NO ASSENTAMENTO SANTA LUZIA EM OUROLÂNDIA  
BAHIA**

FEIRA DE SANTANA  
2020

IVANEIDE GAMA BARBOSA

**AS PLANTAS MEDICINAIS E SUA RELEVÂNCIA NO CONTEXTO  
SOCIAL NO ASSENTAMENTO SANTA LUZIA EM OUROLÂNDIA  
BAHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura em Educação do Campo Área Ciências da Natureza ou Matemática do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia em Sustentabilidade, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo Área Ciências da Natureza.

Orientador/Orientadora: Prof.<sup>(a)</sup>. Dra. Liz Oliveira dos Santos

FOLHA DE APROVAÇÃO

IVANEIDE GAMA BARBOSA

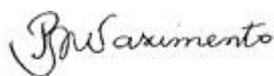
AS PLANTAS MEDICINAIS E SUA RELEVÂNCIA NO CONTEXTO SOCIAL NO  
ASSENTAMENTO SANTA LUZIA EM OUROLÂNDIA BAHIA

Monografia defendida sob avaliação da Comissão Avaliadora constituída por:



---

Profa. Dra. Liz Oliveira dos Santos - Orientador (Doutora)  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



---

Profa. Dra. Priscila Brasileiro Silva do Nascimento (Doutora)  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



---

Profa. Dra. Luana Araujo Oliveira (Doutora)  
Universidade Federal da Bahia

Aprovada em: 18/12/2020

# AS PLANTAS MEDICINAIS E SUA RELEVÂNCIA NO CONTEXTO SOCIAL NO ASSENTAMENTO SANTA LUZIA EM OUROLÂNDIA BAHIA<sup>1</sup>

Ivaneide Gama Barbosa<sup>2</sup>

Liz Oliveira dos Santos<sup>3</sup>

## RESUMO

É sabido que desde os tempos remotos o homem utiliza as plantas medicinais para a cura de diversas enfermidades. No contexto atual com o crescimento tecnológico e o avanço da medicina tradicional, muitas pessoas continuam adeptas a medicina natural, mais ainda ao residirem em comunidades distantes sede, principalmente nas áreas rurais essa prática tem sido recorrente, pois segundo especialistas, o uso de forma responsável de plantas medicinais, constitui um meio alternativo para recuperar a saúde e manter o equilíbrio orgânico. Diante do exposto a presente pesquisa se constitui partindo de um contexto social, onde o uso de plantas medicinais é bem presente, advindo de duas situações dentro do assentamento Santa Luzia no município de Ouro-lândia: a primeira, considerando que os moradores primitivos faziam uso de plantas na prática medicinal e esses saberes foi passando de geração em geração, outro contexto é a carência na questão de serviços básicos de saúde, falta de posto de atendimento, e profissionais de saúde diante do exposto, a presente abordagem busca fazer uma reflexão sobre esse contexto e também enfatizar a dicotomia entre a medicina tradicional e alternativa no que se concerne ao uso de plantas medicinais no tratamento de diversos males, no sentido de perceber como ambas podem se condicionarem. Dito isto, o presente estudo está atrelado a um estudo bibliográfico e tem como principal objeto refletir sobre essa prática, e como este saber milenar em torno da medicina tradicional vem ajudando de forma significativa as comunidades rurais sobretudo os assentamentos, a exemplo do Assentamento Santa Luzia em questão, por fim compreender como o professor da área de ciências poderia abordar nos seus planos de ensino, fazendo uma transposição didática que auxiliasse os seus alunos no contexto investigativo e assim os mesmos compreendessem e respeitasse os saberes populares, agregasse conhecimento científico e forma positiva transforme o ambiente em que está inserido, promovendo a construção de novos saberes.

**Palavras-chave:** Plantas medicinais; Saúde; Conhecimento Científico; novos saberes.

## 1. INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais faz parte da prática da medicina popular, geralmente a população carente, que mora nos lugares mais distantes das cidades, a exemplos de localidades rurais, reservas ambientais, enfim fazem uso constante. A medicina natural classifica como fitoterapia, que segundo (AURELIO, 2015 ) Fitoterapia é o uso de chás, porções, remédios oriundos de plantas medicinais para combater diversos males”.

<sup>1</sup>Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Ciências da Natureza, orientado pela professora Dra. Liz Oliveira dos Santos - CETENS/UFRB.

<sup>2</sup>Discente do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Ciências da Natureza – CETENS/UFRB.

<sup>3</sup>Docente do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade da UFRB. <sup>2</sup>Orientadora do referido Artigo Científico.

Nesse contexto a referida abordagem trata da relevância das plantas medicinais, tendo como base o Assentamento Santa Luzia organizado pelos Movimentos dos Trabalhadores(as) Assentados(as) e acampados(as) e Quilombolas – CETA; pertence ao Município de OurolândiaBahia.

Desde a minha infância convivo neste Assentamento e conforme fui crescendo, percebi o quanto as plantas tinham um significado para os moradores no sentido de usá-las como remédios e paliativos. Nesse contexto também notei que além de recuperar a saúde, conseguia manter o equilíbrio orgânico, “processo que revitaliza a condição de relativa estabilidade da qual o organismo necessita para realizar suas funções adequadamente para o equilíbrio do corpo” (CANOM, 1972, p. 53). As pessoas mais idosas, atrelavam sua saúde física e mental ao uso das plantas, considerando a composição terapêutica, ou ao contato com a natureza, ao ar puro, o uso de alimentos orgânicos livre dos agrotóxicos.

Lendo diversos autores que tratam do assunto, a exemplo de: (SILVA e ANDRADE, 2002; RODRIGUES e CARLINI, 2003; ALMEIDA, 2011). pude verificar que de fato o contato com a natureza de forma geral ajuda a manutenção do equilíbrio orgânico do ser humano. Frente a isto, muitos autores abordam e trazem como exemplos os índios que vivem muito anos, além de muitas doenças bacterianas, viróticas, células cancerígenas não serem tão recorrente a essa etnia, muitas mulheres índias ainda na terceira idade são férteis, (SILVA e ANDRADE, 2002; RODRIGUES e CARLINI, 2003; ALMEIDA, 2011).

Falando-se dos moradores do Assentamento Santa Luzia, eles não desprezam a medicina tradicional, sempre procuram manter o uso articulado entre medicamentos fitoterápicos e alopáticos. De modo geral, muitos dos Assentamentos são distantes da sede do município, a maioria desses, ainda é muito carente de serviços básicos de saúde, em suma quando é algo simples menos grave no que se refere a saúde, a maioria das vezes a utilização das plantas medicinais é o socorro presente.

Ao longo da minha graduação dentro das ciências da natureza na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, a percebi a necessidade de conhecer de forma mais sistêmica essas plantas, pois muitas vezes os moradores do Assentamento usavam as plantas medicinais de forma aleatória, o tratamento ou preparo, mistura ou consumo não são feitos em dosagens específicas, e já houve até relatos de quadros de intoxicação.

Diante do contexto, a presente abordagem foi o estopim para os seguintes questionamentos, o que a medicina tradicional revela sobre o uso da medicina alternativa? Qual a contribuição dos autores que sobre o uso de plantas medicinais, e o que eles pensam a respeito medicina alternativa e medicina tradicional? E se assim, ambas se convergem, se completam, o uma não pode associar a outra? E a minha maior indagação, enquanto docente na área em que estou me graduando, como o saber popular atrelado ao saber científico pode contribuir

para o fortalecimento da minha prática pedagógica? E como posso transformar de forma significativa o ambiente onde estou inserido, considerando as possibilidades que este me oferece? E nesse contexto em que está o meu aluno, como

promover a valorização dos saberes populares no processo e a construção da aprendizagem?

Diante do exposto é válido considerar que a pesquisa voltada para o estudo das plantas medicinais, de modo geral, costuma abordar assuntos como as propriedades, as toxinas, efeitos colaterais e indicações, assuntos esses que será apresentado de forma sintetizada, visto que mesmo em uma comunidade pequena temos variedades de plantas, desse modo será priorizado as mais conhecidas, e mais a mais recorrente pela comunidade, atrelado a contribuição de vários autores de base para o fundamento da pesquisa.

Tem por objetivo conhecer um pouco do histórico do uso de plantas medicinais, como essa prática vem ajudando de forma significativa as comunidades mais carentes, o que pensa os autores a respeito e a contribuição de alguns, se é relevante de fato o uso de plantas medicinais, dentro do contexto pedagógico como o docente pode contribuir no sentido que os alunos considere essa prática, respeitando o saber comum, mas buscar conhecimento de forma científica da atuação desses fitoterápicos na prática preventiva ou no tratamento de diversos males e finalizando tendo o Assentamento Santa Luzia como plano de fundo que ajuda a embasar essas reflexões em torno da temática precedida pelas contribuições dos autores elencados ao longo da pesquisa.

A metodologia usada na construção do trabalho será de aspecto qualitativo. Ao debruçar em Chizzotti (2014, p. 230) este afirma que as pesquisas qualitativas desvinculam-se dos referenciais positivíssimos e tendem para o estudo de questões delimitadas, locais, apreendendo os sujeitos no ambiente natural em que vivem nas suas interações interpessoais e sociais, nas quais urdem os significados e constroem a realidade, o autor enfatiza que a pesquisa qualitativa pressupõe um compartilhamento de ideias entre pessoas, seus lugares de convívio que acabam por se relacionar ao objeto de estudo a ser investigado e que constroem diferentes significados ora perceptíveis ao “olho nu”, ora latente e ou ocultos a percepção voltada à necessidade de interpretação garantida pela competência do pesquisador.

O estudo aqui proposto será do tipo descritivo, onde Gil (2014, p. 28) afirma que as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis, Por fim será adotado o paradigma interpretativo que Moita Lopes (1994, p. 331) entende que “o significado não é o resultado da intenção individual, mas de inteligibilidade interindividual”, ou seja, o significado é construído socialmente. Os construtos acima reafirmam a importância da interpretação, assumido nesta investigação.

Considerando que a presente abordagem se condicionará em um artigo acadêmico, será a metodologia no aspecto qualitativo para a construção deste se condicionará na análise da realidade crítica e dialógica.

Portanto, através dos conhecimentos adquiridos ao longo do tempo dentro da comunidade, na vida acadêmica e posteriormente com a contribuição de vários estudiosos voltados para as plantas medicinais, poderá em tempo concluir as bases do referido trabalho o que de forma mais prática num contexto de pesquisa de campo poderei em outros momentos da vida acadêmica, a pesquisa ganhar ainda mais musculatura e trazer estudos que complementem os fatos ora abordados.

## **2. O USO DE PLANTAS MEDICINAIS, CONTEXTO HISTÓRICO E SUA RELEVÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE**

Sabe-se que o uso de plantas medicinais na vida do ser humano não é algo contemporâneo, pois vem atravessando a linha do tempo desde os primórdios e continua tão presente em todas as esferas sociais, seja no campo ou cidade, e mesmo com o crescimento da tecnologia e o avanço da medicina, o uso de plantas medicinais como finalidade terapêutica é algo bem presente.

A nomenclatura usada para o uso de plantas medicinais é a fitoterapia do grego *therapeia* = tratamento e *phyton* = vegetal, em suma é o estudo das plantas medicinais e suas aplicações na cura das doenças; entende-se como medicinal tudo aquilo oriundo da medicina, este conceito deriva do latim *Medicina* que está relacionado com a ciência que permite a profilaxia ou a cura de doenças. (ANDRADE; CARDOSO; BASTOS, 2007).

Segundo (MORAES; SANTANA, 2001) o conceito da fitoterapia, surgiu de forma peculiar na vida dos povos, na China por exemplo, surgiu por volta de 3000 a.C quando o imperador Cho-Chin-Kei, descreveu as propriedades do ginseng e da cânfora.

O conhecimento sobre as plantas medicinais sempre tem acompanhado a evolução do homem através dos tempos. Remotas civilizações primitivas se aperceberam da existência, ao lado das plantas comestíveis, de outras dotadas de

maior ou menor toxicidade que, ao serem experimentadas no combate às doenças, revelaram, embora empiricamente, o seu potencial curativo. Toda essa informação foi sendo, de início, transmitida oralmente às gerações posteriores e depois, com o aparecimento da escrita, passou a ser compilada e guardada como um tesouro precioso. (ARAÚJO et al., 2007, p. 45).

Segundo pesquisa realizada pelo Doutor Valdir Florêncio (2008) do Departamento de Química da Universidade Federal do Amazonas (Estudo de consumo de plantas medicinais) o mesmo enfatiza que no Brasil, são raras as pesquisas que avaliem o grau de utilização das plantas no tratamento de diversos males e sua inserção na cultura popular. Mas falando-se do histórico do uso de plantas medicinais, alguns estudiosos, dentre eles (LEÃO; FERREIRA; JARDIM, 2007) e Duarte (2006) se comungam no conceito relatando que no Brasil o uso de plantas medicinais teve sua origem especificamente em três momentos, o primeiro com a contribuição dos índios, já que era os povos que habitavam aqui antes das chegadas dos portugueses, depois os europeus traziam amostra de plantas e faziam uso das mesmas na época das grandes navegações e por fim a contribuição dos negros egressos da África que trouxeram consigo os costumes do uso de plantas medicinais. Segundo (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2007), esse tripé influenciou de forma significativa e cultural e os brasileiros passaram a usarem as plantas medicinais no dia a dia, seja no campo ou cidade, independente de classe social, o uso de plantas medicinais é algo muito recorrente em todos os lugares do Brasil.

O uso de plantas medicinais é um costume que acompanha o indivíduo desde os nossos antepassados, fruto do conhecimento inicialmente senso comum no qual é repassado de geração em geração e pelo fato de muitas plantas serem frutos de objetos de estudos por biólogos, botânicos, cientistas ou pesquisadores ligados à área; muitas dessas informações a respeito vai se convergindo com a medicina tradicional, algumas outras informações sendo desmistificada, porém acredita-se que todas essas embasam o quanto é importante considerar o uso terapêutico das plantas.

### **3.A PESQUISA CIENTÍFICA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FITOTERAPIA**

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, que enfatiza POLÍTICA NACIONAL DE PLANTAS MEDICINAIS E FITOTERÁPICOS (OMS, p.11 2005) cerca de 80% da população de países em desenvolvimento utilizam de forma constante o uso das plantas medicinais como finalidade terapêutica, prevenção de doenças, ou até mesmo para curar-se de algum problema de saúde.

Diante do exposto, não desprezando o saber popular do uso das plantas, é comum perceber nas farmácias um grande acervo de produtos naturais, os chamados remédios fitoterápicos. A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) liberou o uso de vários medicamentos, após estes passarem por estudos, pesquisas em relação a eficácia e efeitos e assim como muitos remédios da medicina tradicional, muitos desses, a distribuição é feita mediante a receita médica. É válido salientar que muitos médicos precisam também conhecer as substâncias bioativas que segundo (EMBRAPA, Recurso Genético e Biotecnologia, 2006) São moléculas orgânicas de baixa massa molecular que apresentam uma ampla diversidade química e efeitos diversos sobre organismos vivos, sendo associadas às mudanças em seu comportamento, fisiologia ou metabolismo. Diante disso (VEIGA JUNIOR; PINTO, 2005) enfatiza que o saber popular e científico e ao longo do tempo com o crescimento da pesquisa científica vem convergindo e que atualmente não é possível desprezar ou excluir o uso de remédios naturais no tratamento de diversos males.

A pesquisa farmacológica vem desenvolvendo drogas tendo como fator os insumos ou matéria primas as plantas medicinais, não obstante o que leva muitas pessoas a primar inicialmente pelos produtos naturais se dar desde o acesso a depender de onde vive-se, ao fator que os compostos usados nos comprimidos ao ser consumido de forma constante ajuda num processo de combate a alguma enfermidade, mas pode desencadear outra, também o alto preço dos medicamentos industrializados são também motivos que levam ao aumento da quantidade de pessoas interessadas em conhecer as formas de utilização e comercialização de plantas medicinais.

Nos povoados e Assentamentos por exemplo há longa tradição de uso de plantas medicinais, porque a chamada “farmácia do mato” é uma solução mais rápida antes de procurar as Unidades de saúde (POTT et al., 2004). Campos Filho (2002) relacionando ao bioma da caatinga caracteriza como um complexo vegetacional que abrange grande variedade de espécies com potencial de uso associado à cultura local que se adaptou a seca na região nordeste. Na Bahia não é diferente nas comunidades ribeirinhas, nos Assentamentos, nas comunidades rurais de forma geral o uso das plantas medicinais é algo tão natural e atualmente nessas comunidades é difícil não encontrar nos quintais o plantio de alguma erva para a finalidade do uso de chás, unguentos, emplastos etc.

Nesse contexto se essas comunidades recebessem devido valor, tais conhecimentos tradicionais contribuiriam para o desenvolvimento socioeconômico e valorização do patrimônio genético nativo (NEVES, 2001). Mas mesmo assim ainda tem despertado cada vez mais o

interesse da comunidade acadêmica para pesquisa básica e aplicada em plantas medicinais, aromáticas, condimentares e ornamentais, incentivada também pela Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos que se constitui parte essencial das políticas públicas de saúde, meio ambiente, desenvolvimento econômico e social.

Diante do exposto as plantas medicinais têm um potencial grandioso, representa, também a identidade de um povo, e está muito presente no contexto histórico, social e cultural Segundo (NEVES, 2001). Para Arnous et al. (2005)

A necessidade exige e a ciência busca a unificação do progresso com aquilo que a natureza oferece, respeitando a cultura do povo em torno do uso de produtos ou ervas medicinais para curar os males. Assim, as plantas medicinais que no passado representavam o principal meio terapêuticos conhecidas, continuam sendo empregadas tanto de forma direta no tratamento de males quanto como matéria prima de medicamentos utilizados na medicina moderna.

Aspectos biológicos, sociais, culturais devem ser observados quando da análise e do estudo das plantas medicinais, e falando dos Assentamentos sejam eles egressos de comunidade quilombolas ou indígenas cujos significados evidenciam um processo tradicional da relação ser humano e ambiente (GUARIM NETO, 2006).

Estudos etnobotânicos realizados por Amorozo (2002) em vários Assentamentos e há de se considerar na Bahia onde existe muitos desses, é necessário perceber que o uso de plantas medicinais destaca o resgate do conhecimento popular na promoção de saúde pública e preserva o contexto histórico e social desses Assentamentos; além disso voltadas também à alternativa de diversificação de atividades e aumento de renda para a agricultura. Segundo Silva et al. (2007) relata a necessidade de que todas as atividades estejam articuladas sob uma educação permanente de ensino e pesquisa, dialogando com o saber local, visando o desenvolvimento tecnológico, social, econômico e humano. Também, frisam a importância de estabelecer linhas de ação voltadas para o desenvolvimento de técnicas de manejo ou cultivo das plantas medicinais, tendo em vista a utilização dessas espécies vegetais pelo homem aliada à manutenção do equilíbrio dos ecossistemas.

Silva et al. (2007) consideram o horto medicinal nas escolas como um relevante instrumento dentro das práticas agroecológicas, uma vez que promove a inclusão social, tal como um espaço de saúde, cidadania, aprendizagem e de estímulo à conservação do conhecimento e do uso racional da biodiversidade (FETTER; MÜLLER, 2007).

Posturas mais críticas são desenvolvidas em relação ao espaço vivido e valores que propiciam cidadãos mais solidários e conscientes. Hortaliças juntamente com as plantas medicinais e os condimentos possibilita gerar vários temas integrados, como higiene, respeito e cooperação, alimentação alternativa, entre outros.

Portanto o surgimento do uso de plantas medicinais no contexto social considerando a linha do tempo tem estabelecido de forma natural e obviamente o uso da fitoterapia estar presente desde os primórdios e as farmácias vivas foram as primeiras a desenvolverem antes de somar com a medicina tradicional.

#### **4. CONCEPÇÕES DE ALGUNS PESQUISADORES A RESPEITO DO USO DE PLANTAS MEDICINAIS**

O Brasil inclui-se entre os países de maior biodiversidade mundial, com mais de 100 mil espécies de plantas superiores distribuídas em diversos biomas. Entre estes biomas está a Mata Atlântica, com mais de 20 mil espécies de plantas, situada entre os 25 “hotspots” mais importantes do mundo (Myers et al., 2000).

Segundo a Resolução da Diretoria Colegiada N° 48/2004 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, os medicamentos naturais são preparados exclusivamente com plantas ou parte de plantas medicinais (raízes, cascas, folhas, flores, frutos ou sementes), que possuem propriedades reconhecidas de cura, prevenção, diagnóstico ou tratamento sintomático de doenças, validadas em estudos etnofarmacológicos, documentações tecnocientíficas ou em ensaios clínicos.

Diante do exposto alguns autores que estudou a respeito da relevância do uso de plantas medicinais, ajudou muito na pesquisa científica, também é importante conhecer as bases legais que fundamentam o uso de algumas plantas, o pensamento de muitos pesquisadores a respeito dessas é possível perceber que muitos se convergem nas suas pesquisas, outro fator importante é o conhecimento dos principais marcos legais que regulamentam o uso das plantas medicinais. Estudo realizados por HAMILTON, em 2003, considera a dicotomia entre a medicina tradicional e a fitoterapia”. É sabido que as plantas medicinais é o principal componente usado pelas medicinas tradicionais sendo que a medicina popular a que utiliza o maior número de espécies diferentes” (HAMILTON, 2003).

SCHENKEL e colaboradores em 2003, destaca que o conhecimento referente as plantas medicinais oriundas dos primitivos das comunidades rurais do qual é transmitido de geração em geração é um dos principais recursos terapêuticos desses grupos.

As observações populares sobre o uso e a eficácia de plantas medicinais de todo mundo, mantém em voga a prática do consumo de fitoterápicos, tonando válidas as informações terapêuticas que foram sendo acumuladas durante séculos (MACIEL *et al.*, 2002, p. 429). Outros estudiosos enfatiza a importância de respeitar a cultura popular, visto que muitas

pessoas encaram com um certo preconceito ou desconsidera totalmente esse saber, desmerecendo-o, “A necessidade exige e a ciência busca a unificação do progresso com aquilo que a natureza oferece, respeitando a cultura do povo em torno do uso de produtos ou ervas medicinais para curar os males (ACCORSI, 2000).

Estudos mostram que o uso de plantas medicinais vem merecendo atenção cada vez maior, devido ao contingente de informações e esclarecimentos que vêm sendo oferecidos à Ciência. Esse fenômeno tem propiciado o uso de chás, tisanas e tinturas, fazendo com que, na maioria dos países ocidentais, os medicamentos de origem vegetal sejam retomados de maneira sistemática e crescente na prevenção e tratamento das doenças, ao lado da terapêutica convencional. (FRANÇA *et al.*, 2008, p. 202).

A medicina científica ajudou bastante para o aumento da taxa da expectativa de vida humana, e na prática pode se perceber que a aplicação de princípios científicos desencadeou a descoberta de terapêuticas que melhoram a qualidade de vida das pessoas (GERBER, 1988; SOUZA; SILVA, 1992).

Inúmeros estudos científicos vêm sendo feitos no sentido de validar as informações populares referentes ao uso de plantas medicinais. Pode-se mencionar o atual e intenso interesse que os cientistas, bem como a indústria farmacêutica denotam ao desenvolver pesquisas com o objetivo de descobrir novos princípios ativos e também aprimorar as descobertas de novas atividades farmacológicas de substâncias já conhecidas e oriundas de plantas.

Verifica-se que os segmentos acima citados demonstram preocupação quanto ao desenvolvimento de técnicas de isolamento e identificação, produção e cultivo de drogas (origem vegetal), biogênese de princípios ativos e outros métodos que levam ao melhoramento de seus produtos (GURIB-FAKIM, 2006).

As plantas medicinais representam fator de grande importância para a manutenção das condições de saúde das pessoas. Além da comprovação da ação terapêutica de várias plantas utilizadas popularmente, a fitoterapia representa parte importante da cultura de um povo, sendo também parte de um saber utilizado e difundido pelas populações ao longo de várias gerações (TOMAZZONI; NEGRELLE; CENTA, 2006).

Os principais componentes ativos extraído das plantas a exemplos alcaloides, glicosídeos, resinas, fitotoxinas, minerais, oxalatos, azeites essenciais e compostos fotossensibilizantes. Considerando o uso de plantas medicinais no tratamento de diversos males, também é necessário atentar para muitas substâncias vegetais consideradas como tóxicas estão formando parte dos medicamentos, entre elas, as mais usualmente empregadas

no processo de preparo de medicamentos são: *Arnica montana*, *Hitirotheca inulsides*, *Aconitun napellus*, *Atropa belladona*, *Digitalis purpúrea*, *Datura stramonium*, *Rux toxicadendron*, *Colchicum autumnale*, entre muitas outras (BARCELLOS, 1998). Em síntese a natureza química da droga é determinada pelo seu teor em substâncias pertencentes aos seguintes grupos principais: alcalóides, glicosídeos, saponinas, princípios amargos, taninos, substâncias aromáticas, óleos essenciais e terpenos, óleos gordos, glucoquininas, mucilagens vegetais, hormonas e anti-sépticos vegetais, logo que além das plantas medicinais que ajudam no processo de prevenção ou até mesmo a cura de diversos males, deve-se ter uma atenção também para as plantas tóxicas, porque antes de usar quaisquer planta de forma terapêutica é necessário conhecer se há alguma toxicidade ou efeitos colaterais.

As plantas tóxicas possuem substâncias que, por suas propriedades naturais, físicas, químicas ou físico-químicas, alteram o conjunto funcional-orgânico em vista de sua incompatibilidade vital, conduzindo o organismo vivo a reações biológicas diversas. O grau de toxicidade depende da dosagem e do indivíduo, embora haja substâncias tóxicas que, em dosagens mínimas, entram na composição de vários remédios a cultura e a desinformação da população, além da quantidade ingerida pelo acidentado são fatores que dificultam o diagnóstico e o tratamento em casos de envenenamento por plantas tóxicas (VASCONCELOS; VIEIRA; VIEIRA, 2009).

Dados do Sistema Nacional de Informação Tóxico-Farmacológica, coordenado pelo Centro de Informação Científica e Tecnológica, revelam que a cada dez casos de intoxicação por plantas no Brasil, seis são de crianças menores de nove anos que se intoxicam, geralmente, com plantas cultivadas em vasos dentro das residências. As intoxicações entre os adultos também são frequentes, sendo causadas, principalmente, pelo uso inadequado de plantas medicinais, plantas alucinógenas e abortivas (CICT/FIOCRUZ/ SINITOX, 2000).

O acúmulo de conhecimentos empíricos sobre a ação dos vegetais, vem sendo transmitido desde as antigas civilizações até os dias atuais, e a utilização de plantas medicinais tornou-se uma prática generalizada na medicina popular (DORIGONI et al., 2001). Além disso, o conhecimento sobre plantas medicinais representa muitas vezes o único recurso terapêutico de muitas comunidades.

Ainda hoje nas regiões mais pobres do país e até mesmo nas grandes cidades brasileiras, plantas medicinais são comercializadas em feiras livres, mercados populares e encontradas em quintais residenciais. Além disso, as observações populares sobre o uso e a eficácia de plantas medicinais contribuem de forma relevante para a divulgação das virtudes terapêuticas dos

vegetais e auxilia os pesquisadores na seleção de espécies para estudos botânicos, farmacológicos e fitoquímicos (MACIEL, et al. 2002).

Diversos trabalho tem sido desenvolvido no sentido de chamar a atenção para o uso popular de plantas medicinais em diversas regiões do Brasil. CASTELLUCCI et al. (2000) fez um levantamento das principais espécies vegetais utilizadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, no município de Santo Antônio no Estado de São Paulo, trabalho semelhante foi desenvolvido por RIZZO et al. (1999), onde se procurou avaliar o uso de plantas medicinais nas cidades de Goiás e Pirenópolis no Estado de Goiás. Igualmente, COSTA NETO e OLIVEIRA (2000) pesquisaram o uso de plantas medicinais na cidade de Tanquinho, no Estado da Bahia. Dentro do contexto de uso de plantas medicinais, o raizeiro, que é desingnado pessoa importante da cultura popular, no que diz respeito ao conhecimento sobre o preparo, indicação e comercialização de plantas medicinais. É importante ressaltar a sua atuação no sentido de preservar o conhecimento popular sobre o uso medicinal das plantas que de certa forma, tem se restringido a número cada vez menor de pessoas. Isso se deve, em parte, ao avanço dos medicamentos alopáticos, ao processo de urbanização e às mudanças culturais e sociais. VILA VERDE et al. (2003), em seu trabalho de levantamento etnobotânico das plantas medicinais do cerrado, utilizadas pela população de Mossâmedes em Goiás, também chamavam a atenção para o fato da população fazer o uso de plantas medicinais por indicação dos raizeiros, que desenvolvem o extrativismo e comercializam em pequena escala, as plantas nativas da região. Em um trabalho semelhante, MEDEIROS et al. (2004), através da compilação de dados referentes ao uso de espécies vegetais medicinais por benzedores e usuários de plantas medicinais de Santa Tereza no Espírito Santo, chamaram a atenção para a valorização do conhecimento popular, que é fonte de seleção de material para estudos de fitoquímica, farmacologia e toxicologia. Soma-se a este trabalho o estudo realizado por NUNES et al. (2003), que fizeram um levantamento das plantas medicinais mais solicitadas a raizeiros do centro da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, ou por eles indicadas. Esse trabalho destaca que a indicação popular de algumas plantas citadas no estudo não corresponde aos dados da literatura científica e que várias amostras apresentaram itens de qualidade que reprovavam o seu consumo. Então, é sempre importante chamar a atenção para o fato desse tipo de prática terapêutica não estar isenta de riscos para a população, muitas vezes no processo de indicação de uma dessas formulações preparadas pelos raizeiros, são desconsiderados: as reações adversas, contraindicações, interações com outros medicamentos e as limitações com relação ao tratamento de determinadas doenças.

É importante considerar a identificação precisa do material botânico, a forma correta

como ele deve ser coletada e acondicionada e a maneira como as fórmulas são preparadas, elementos que podem interferir na qualidade da matéria- prima vegetal.

## **5. PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS NOS ASSENTAMENTOS BAIANOS**

A Portaria nº 971, que dispõe sobre a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde, ressalta que a partir da década de 80 foram elaborados diversos documentos relacionados a introdução de plantas medicinais e fitoterápicos na atenção básica de saúde do sistema público, a exemplo do relatório do Seminário Nacional de Plantas Medicinais, Fitoterápicos e Assistência Farmacêutica, elaborado em 2003 (BRASIL, 2006).

Silva e Proença (2008) investigando a relação entre a presença de quintais nas residências, o número de plantas medicinais citadas e o grau de escolaridade observaram que o cultivo de plantas medicinais no quintal diminui à medida que aumenta o grau de escolaridade. Com relação aos fitoterápicos, segundo Harnack *et al* (2001), o uso aumenta nos países considerados de primeiro mundo entre indivíduos com um elevado nível de escolaridade, o mesmo comportamento, de acordo com Ribeiro et al (2005) também é encontrado em países em desenvolvimento, como o Brasil.

Parente e Rosa (2001) ressaltam o crescente interesse pelas plantas medicinais, relacionando-o a percepção da população dos males advindos do uso excessivo de quimioterápicos. No que diz respeito ao interesse pelos fitoterápicos os autores destacam a carência de recursos dos órgãos públicos de saúde e os contínuos aumentos de preços dos medicamentos industrializados. No entanto, vale ressaltar também que pelo fato de ser a planta medicinal considerada um medicamento “natural”, não a exime de efeitos colaterais. Veiga Junior et al (2005) relatam a toxicidade de plantas medicinais, seja pelos efeitos adversos do fito medicamento ou por ações sinérgicas. Parente e Rosa (2001) ressaltam a necessidade do cuidado com o manuseio e com a utilização das plantas medicinais em virtude de algumas plantas apresentarem substâncias consideradas tóxicas.

Diante do exposto, um grupo de acadêmicos da Universidade Federal do semiárido fez umapesquisa em várias comunidades rurais e Assentamentos no estado da Bahia e assim listoualgumas das principais plantas usadas na medicina terapêutica a exemplo de a coleta dos dados foi realizada através de entrevistas, tendo como instrumento o uso de

questionários. As espécies vegetais citadas pela comunidade e, posteriormente, encontradas na Unidade de Conservação foram coletadas e encaminhadas para identificação. Foram citadas pela comunidade 92 espécies de plantas utilizadas para fins medicinais, das quais apenas 10,9% foram encontradas na Floresta Nacional, dentre elas, a espécie *Bidens pilosa linn*, conhecida como carrapicho de agulha, ou picão preta foi a mais citada (52,4%), seguida da *Amburanacearensis* (27,7%), popularmente conhecida como umburana macho, ou umburanas de cheiro. A espécie *Bidens pilosa Linn*, conhecida popularmente como carrapicho de agulha, correspondendo a 52,4% das citações, essa espécie é utilizada pela população para o tratamento de inflamação no útero, cistite, hepatite, problemas renais, gastrite, cólica intestinal, prurido e dor de dente. *Amburana cearensis* (27,7%), popularmente conhecida como umburana macho. A população estudada a utiliza em casos de má digestão, diarreia e cólica intestinal, assim como em casos de mordida de cobra e como cicatrizante.

A parte anatômica mais utilizada foi a semente, seguida do fruto, da casca do caule e da folha. Com relação ao modo de preparo a decocção também foi a mais citada, seguida da maceração e da infusão. Segundo Canuto e Silveira (2006) *Amburana cearensis* é uma espécie nativa do sertão nordestino, embora seja encontrada em quase toda a América do Sul.

A *Caesalpinia ferrea* (4,9%), localmente conhecida como pau ferro, essa espécie é utilizada pela comunidade em distúrbios relacionados com o fígado, o estômago e o intestino. a espécie *Ziziphus joazeiro* ou Juazeiro como é conhecida utiliza para problemas de diarreia, a parte anatômica usada é a raiz e a forma de preparo a decocção. batata jalapa, foi citada como vermífuga, através do sumo obtido da raiz das plantas. Outra popularmente conhecida e utilizada nos assentamentos é planta catinga de porco ou pau de rato, no qual tem seu nome científico de *Cenostigma pyramidale*, planta essa usada em casos relacionados com problemas digestórios, tomando-se o chá obtido através da decocção da casca do caule. Já a maceração da raiz da espécie *Boerhavia hirsuta* é utilizada em casos de dor de barriga. A casca do caule de *Mimosa hostilis* (jurema preta) é usada pelos entrevistados em processos inflamatórios e infecciosos, cujo preparo é feito através da decocção. Guimarães-Beelen et al. (2006), observaram o efeito inibitório dos taninos encontrados em três espécies, entre elas a *Mimosa hostilis*, sobre o crescimento e a atividade enzimática de *Ruminococcus flavefaciens*, bactéria celulolítica. Os autores ressaltam que essas espécies estudadas são amplamente utilizadas no semiárido como forrageira e que a sua ingestão, devido a esse efeito inibitório, pode vir a ocasionar perdas significativas na produção animal. Segundo Albuquerque e Andrade (2002) o comércio de plantas com propriedades medicinais causa uma forte pressão sobre essas espécies.

Outro fato em questão é utilização técnicas de coleta inadequadas, seja pelo desconhecimento ou pela falta de compromisso no momento em que ela é realizada. Nesse contexto, para que tal utilização ocorra de forma sustentável, sobretudo no que diz respeito às plantas silvestres, faz-se necessário o resgate do conhecimento da comunidade local sobre o uso da flora e a análise do impacto dessas práticas sobre a biodiversidade, conforme citado por Albuquerque e Andrade (2002), dando, dessa forma, subsídios para a elaboração de programas que visem minimizar o impacto dessa atividade.

## **6. REFLEXÃO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DESSES AUTORES E AS VIVÊNCIAS NO ASSENTAMENTO SANTA LUZIA**

Ourolândia, Município criado em 1989, desmembrado de Jacobina, cuja história decorreu da chegada de bandeirantes à procura de minas de ouro na região no início do século XVII.

Há muito tempo nossa cidade tinha o nome de Engenho Velho esse nome foi dado por causa do plantio da cana de açúcar, e só existiam três famílias na época era apenas um povoado pequeno. Logo veio chegando, mas famílias e começou a plantar também o algodão e por causa dele o município foi registrado como Ouro Branco, pertencendo a cidade de Jacobina.

Com o aumento da população, os moradores se reuniram e decidiram que queriam sua emancipação política, que se concretizou no dia 13 de junho de 1998, mudou seu nome de Ouro Branco para Ourolândia por causa do mármore que já existia em grandes quantidades.

O Assentamento Santa Luzia, pertencente ao município de Ourolândia, foi fundado no dia 11 de dezembro de 2001, tendo no mesmo dia a realização da primeira Assembleia geral, o Assentamento tinha o nome de Riacho da Esperança por ter riacho e serem duas fazendas, ao longo do tempo passou a ser chamado de Assentamento Santa Luzia.

O assentamento pertence ao movimento CETA [Movimento de Trabalhadores Assentados e Acampados] que é um dos movimentos sociais, e tem 64 famílias assentados e cada família tem 130 tarefa de terra. Assim como todos assentamentos, tivemos muitas lutas e conflitos.

O Santa Luzia iniciou com um grupo de pessoas que ocuparam uma terra que estava improdutiva. Mas a partir daí as lutas não foram fáceis, muitos até se escondiam com medo da polícia, teve mobilizações, pautas de reivindicações e marchas onde as pessoas andaram de Faria de Santana até Salvador, parando para descansar e dormir e armando barracas na beira da pista e quando chovia acordava com os colchões ensopados, mais apesar de tantos sofrimentos.

Segundos entrevistados, mesmo com tantas lutas era muito bom estar com os companheiros, uns ajudavam os outros, a união era muito grande. Doje temos moradia fixa e terra para produzir, temos 3 poços, um desses é para irrigação e daqui, já sai produções de tomate, melancia, pimentão, tem uma extensa area verde do qualse preservou boa parte da caatinga no qual existe diversas plantas nativas qual serve de uso medicinal e outras plantas agregadas ao assentamento em que o objetivo é usado para o mesmo fim, o uso das plantas medicinais no Assentamento é algo cultural e se tratando da cultura nordestina e de forma mais especifica o sertão baiano não é diferente, nessa percepção em virtude da pressão exercida sobre a biodiversidade, devido ao seu uso de forma não sustentável, especialmente no bioma Caatinga, percebe-se que há uma grande da necessidade de se resgatar o conhecimento popular, apesar que segundo pesquisas baianos lideram ranking nacional no cuidado da saúde com plantas na Bahia, a apropriação da terra como curadora é maior que no resto do país, mostrou o Ministério da Saúde 9,5 mil pessoas foram tratadas pela fitoterapia na Bahia, por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) PORTARIA Nº 971, DE 03 DE MAIO DE 2006 Que teve por objetivo Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde

Segundo o último censo demográfico (2010) fonte IBGE, O município de Ourolândia tem atualmente sete Assentamentos, Santa Luzia é o maior desses abriga em torno de 64 famílias, todas de baixa renda e que vivem da agricultura, ou criação de pequenos animais, em todas as casas pertencente ao assentamento Santa luzia, existe no quintal o plantio de diversas plantas medicinal no nome popular como são conhecidas podemos citar erva cidreira, hortelã, Mastruz, babosa, poejo, alecrim, Arruda, boldo, capim santo, marcela galega, erva doce, além de plantio de frutas que a intenção maior é no uso medicinal como é o caso da goiabeira, laranjeira, limoeiro, mamoeiro, acerola, amora etc. As práticas curativas usadas por moradores mais velhos da comunidade agregam uso de medicamentos sintéticos, e remédios caseiros obtidos por meio das plantas medicinais. O conhecimento está especialmente mantido entre as mulheres, que frequentemente trocam entre si mudas e receitas. O saber foi adquirido principalmente com os pais, os assentados geralmente coletam as plantas medicinais no momento de sua utilização e as formas de preparo mais comuns são os preparados “crus” ou “frios”, “quentes” ou “cozidos”; são usados também xaropes, garrafadas e pomadas. Foi observado que o “benzimento” uma crença religiosa no Assentamento é uma forma de tratamento para mau-olhado. O uso ritualístico de plantas ocorre em algumas circunstâncias, como a defumação de um com um preparado de várias plantas após o mesmo ser atingido por

mau olhar e em ocasiões quando se visita uma pessoa em casa e ela não está e deixa-se um ramo verde na porta para não levar a “sorte” da pessoa embora, causando doenças. Segundo Visbiski, Neto & Santos, 2017, os tratamentos ocorrem de duas maneiras, inicialmente com o uso de remédios caseiros e no segundo momento busca-se socorro médico, nesse contexto caso não haja disponibilidade de medicamentos prescritos na farmácia ou na unidade de saúde, nesse caso o tratamento terapêutico se condiciona aos remédios caseiros.

Um fator importante a ser considerado no Assentamento Santa Luzia é a utilização da agroecologia, fator este empregado no cultivo de verduras e leguminosas, e plantas medicinais, em que semanalmente na sede do município os moradores comercializa esses produtos são cultivadas de forma saudáveis e comercializadas o que se tornou um fator de renda para o Assentamento, ajudando também na preservação da prática do cultivo, e da necessidade de passar o conhecimento referente ao uso das plantas medicinais de pai para filho.

[...] a agricultura ecológica somente pode usar o enfoque holístico, geral. E como na agricultura convencional tudo foi com receitas, os agricultores esperam também por receitas e não compreendem, que somente pode funcionar por conceitos, simplesmente porque cada lugar tem seu ecossistema todo particular” (PRIMAVESI, 2009, p. 9).

Há no Assentamento Santa Luzia a configuração de um Agente de Cura pode se perceber que não se dá apenas pela sabedoria que o mesmo tem acerca de plantas medicinais o mesmo foi legitimado pela prática, e não pelo estudo em instituições acadêmicas, além do que, tem por referência resolução de conflitos que surgem e suas opiniões sobre diversos assuntos são valiosas. Neste contexto, geralmente têm uma história relativamente antiga no movimento, desempenham – ou desempenharam – funções de dirigentes nas áreas, têm filhos e já vivenciaram situações delicadas de saúde.

As conquistas empreendidas pelos moradores do Assentamento Santa Luzia, bem como os saberes agregados no uso comum das plantas medicinais, na preservação e na plantação de muitas plantas utilizadas na fitoterapia, percebe-se o quanto importante respeitar os saberes culturais e sociais, isto reflete na identidade do povo, acredito que diante do que tenho observado e estudado, cabe aos professores utilizar-se desses conhecimentos prévios, comum, e revitalizar a sua prática, propondo através de aulas com metodologias ativas, com elaboração de projetos investigativos trabalhar de forma em que os alunos percebam a importância desses conhecimentos prévios venham somar dentro do Assentamento promovendo a valorização cultural, social e cognitiva e que o conhecimento científico precedido do conhecimento do senso comum possam ajudar os alunos e os assentados na promoção e na construção de novos saberes.

## **7 . CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O referido trabalho que trouxe como temática a relevância das plantas medicinais no contexto social, tendo como plano de fundo o Assentamento Santa Luzia situada na cidade de Ourolândia, na qual é uma comunidade com uma tradição bem significativa concernente ao uso das plantas medicinais com fins terapêuticos.

Desde a minha infância e a medida que fui crescendo e convivendo no Assentamento Santa Luzia percebo que muitos moradores da sede ou até mesmo pessoas de outros municípios procuram aos moradores mais velhos do assentamento Santa Luzia para obter algum remédio natural extraído de plantas medicinais; realidade essa que convivo desde criança, cercado pelo contato direto com a natureza,

observei ao longo do tempo o quão muitas vezes a medicina natural ajuda a combater diversos males, principalmente para este Assentamento que é carente de serviços públicos, serviços básicos de saúde ou assistência social e quando há algum problema de doenças recorre as plantas medicinais qual serve de alento, de um diagnóstico prévio, ou até mesmo a cura, quando é algo sério que inicialmente a as plantas medicinais não consegue resolver, procuram a medicina tradicional, mas o tratamento muitas vezes é realizado com o auxílio de plantas medicinais comumente ao uso dos remédios farmacêuticos.

Antes de recorrer a medicina tradicional no combate a doenças ou disfunção como já tenho presenciado a exemplos de problemas de brônquios, asma, cólicas, diarreia, cálculos, e tantos outros, tive oportunidade de cursar ciências da natureza, a medida que fui estudando as disciplinas ligado ao currículo do curso, percebi que poderia fazer uma reflexão, uma análise mais crítica do tema, e assim o trabalho dentro de uma perspectiva bibliográfica traz à tona esta temática, primeiro conhecer um pouco a respeito do contexto, depois a opinião de alguns estudiosos, em seguida fazer uma convergência com a comunidade e finalizando como o professor de ciências poderia trabalhar esse conteúdo de forma a ajudar seu aluno no processo crítico de construção da aprendizagem.

Considerando as leituras que fiz para realizar esse trabalho, em nenhum momento os grandes autores desmereceram ou desmistificaram o uso de plantas medicinais, pelo contrário, enfatizaram o quão é importante e vem ajudando até a própria medicina tradicional. Muitos enfatizam são os cuidados no manejo das plantas, na dose observando a toxicidade, pois muita planta pode causar danos à saúde, algo importante que percebi mesmo.

Foi possível perceber que em algum tempo ambas as medicinas, natural ou tradicional não se convergiam, mas essa realidade vem mudando, até mesmo porque não há como

desprezar a medicina natural, visto que as fabricações de muitos remédios são oriundas de plantas medicinais, a composição, o insumo de muitos medicamentos é matéria prima das plantas, dessa forma ambas se complementam, quando as comunidades que usufruí do uso de plantas medicinais conseguem compreender isto, ajuda no processo na busca para a cura de diversos males.

A rede farmacêutica tem encontrado nas plantas medicinais uma forte parceira, e atualmente é comum encontrar além dos remédios químicos uma gama de produtos naturais a disposição do consumidor.

Portanto o trabalho trouxe essas reflexões em torno do uso das plantas medicinais e indico para os professores da área de ciências da natureza, biólogos e professores de modo geral que busca compreender e conhecer um pouco mais a respeito da relevância das plantas trabalhar na sua didática de ensino, metodologias que busquem respeitar o saber cultural e histórico da comunidade escolar e somar com conhecimentos científicos na construção de novos saberes.

## **7 . REFERÊNCIAS**

ADEMIR, José & TAGLIEBER, Erno José, **MÉTODOS ATIVOS E ATIVIDADES DE ENSINO** Ademir José Rosso Mestrando de Educação - Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

ALMASSY JÚNIOR, A. A. et al. **Folhas de Chá: plantas medicinais na terapêutica humana**. 1. ed. Viçosa/MG: UFV, 2005.

ANDRADE, S.F.; CARDOSO, L.G.; BASTOS, J.K. **Anti-inflammatory and antinociceptive activities of extract, fractions and populnic acid from bark wood of Austroplenckia populnea**. Journal of Ethnopharmacology, v.109, n. 3, p. 464-471, 2007.

BARCELLOS. **Medicina natural, um novo conceito: a fórmula: guia de negócios**. Revista Espaço para a Saúde, v. 2, n. 4, p. 5-8, 1998;

BRASIL. **Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Farmacopeia Brasileira**. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 904 p., 2v. 2010.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. Brasília. Ministério da Saúde, 60p., 2006.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **A Fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisa de Plantas Medicinais da Central de Medicamentos**. Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência,

Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. Brasília. Ministério da Saúde, 140 p., 2006,

\_\_\_\_\_. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Instrução Normativa ANVISA nº 11, de 29 de set. 2016. **Dispõe sobre a lista de medicamentos isentos de prescrição**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 de set. 2016.pdf>. Acesso em: 20 de dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC – MEC -** Brasília, DF. 466.p., 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC – Ciências da Natureza - Competências 1 e 8; p.320, MEC – Brasília/DF. 2017**

BUARQUE. A: **Aurélio da língua portuguesa**, 5<sup>a</sup> ed. Positivo, sp, p.73.; 2016.  
AUBUQUERQUE, U.P. & ANDRADE, L.DE H.C. **Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. Acta Botânica Brasílica**. 16(3), p. 273-285, 2002.

CAR (Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional BA.). **Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável da Região Irecê – PSDR IRECÊ**. Salvador, 2004. CASTELLUCCI, S. et al. **Plantas Medicinais Relatadas pela Comunidade Residente na Estação Ecológica de Jataí, Município de Luís Antônio/SP: uma abordagem etnobotânica**. Revista Brasileira de Plantas Mediciniais, Botucatu, v. 3, n. 1, p. 51-60, 2000. . 3.ed. São Paulo:Cortez, 2014.

COSTA-NETO, E. M.; OLIVEIRA, M. V. M. **The Use of Medicinal Plants in the Country of Tanquinho, State of Bahia, Northeastern Brazil**. Revista Brasileira de Plantas Mediciniais, Botucatu, v. 2, n. 2, p. 1-8, 2000.

DORIGONI, P.A. et al. **Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no Município de São João Polésine, RS, Brasil. I-relação entre enfermidades e espécies utilizadas**. Revista Brasileira de Plantas Mediciniais, v.4, n.1, p.69-79, 2001.

VEIGA, I.P.A. **Aspectos do projeto político pedagógico institucional nas universidades federais brasileiras**.130p, 2003.

ACCORSI, W.R. **Medicina natural, um novo conceito: a fórmula: guia de negócios**. Revista Espaço para a Saúde, v. 2, n. 4, p. 5-8, 2000.

ANDRADE, S.F.; CARDOSO, L.G.; BASTOS, J.K. **Anti-inflammatory and antinociceptive activities of extract, fractions and populnoic acid from bark wood of Austroplenckia**

**populnea. Journal of Ethnopharmacology**, v.109, n. 3, p. 464-471, 2007.

AMOROZO, M.C.M. **Uso e diversidade de plantas medicinais em santo Antonio de Leverger, MT, Brasil.** Acta Botânica Brasílica, v. 16, n. 2, p.189-203, 2002.

ARAÚJO, E.C. et al. **Use of medicinal plants by patients with cancer of public hospitals in João Pessoa (PB).** Revista Espaço para a Saúde, v. 8, n. 2, p. 44-52, 2007.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Política nacional de medicina natural e práticas complementares-PMNPC.** Brasília, DF, 2005.

CANUTTO & SILVEIRA. **Uso Tradicional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos.** Conbrafito, 2006.

COSTA, A.F.E. et al. **Plantas medicinais utilizadas por pacientes atendidos nos ambulatórios do Hospital Universitário Walter Cantidio da Universidade Federal do Ceará.** Pesq. Med. Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 20-25, 1998.

DUARTE, M.C.T. **Atividade antimicrobiana de plantas medicinais e aromáticas utilizadas no Brasil.** Revista MultiCiência, n. 7, 2006.

FREIRE, P. **Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos.** 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

RATHS, Louis E. et alu. **Ensinar a Pensar.** 2. ed., São Paulo: 1977.

Fundação Oswaldo Cruz/Centro de Informação Científica e Tecnológica/Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (FIOCRUZ/CICT/SINITOX). **Estatística Anual de Casos de Intoxicação e Envenenamento.** Brasil, 2000. Rio de Janeiro, p.19-38. 2002.

GUARIN NETO G. **O saber tradicional pantaneiro: as plantas medicinais e a educação ambiental.** Revista Eletrônica Mestr. Educação Ambiental, 17: 71-89. 2006.

GURIB-FAKIM, A. **Medicinal plants: traditions of yesterday.** Molecular Aspect of Medicine, n. 27, p. 1-93, 2006.

Gil, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ta ed. Atlas Novo, São Paulo, 2014.

FRANÇA, I.S.X. et al. **Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais.** Revista Brasileira de Enfermagem, v. 61, n. 2, p. 201-208, 2008.

GAIA. (Coord.) **A agricultura familiar: comparação internacional.** 2 eds. Campinas: Editora da UNICAMP. 1997.

GERBER, **Ethnopharmacological study of medicinal plants used in Rosário da Limeira, Minas Gerais, Brazil.** Revista Brasileira de Farmacognosia HARNACK L. M. M. et al. Plantas Medicinais. Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. Divisão Técnica Escola Municipal de Jardinagem. São Paulo, 2010.

HAMILTON, A. **Medicinal plants and conservation: issues and approaches.** [s.l.]: **International Plants Conservation Unit**, 2003.

LEÃO, R.B.A.; FERREIRA, M.R.C.; JARDIM, M.A.G. **Levantamento de plantas de uso terapêutico no município de Santa Bárbara do Pará, Estado do Pará, Brasil.** Revista Brasileira de Farmácia, v. 88, n. 1, p. 21-25, 2007.

MACIEL, M. A. M.; PINTO, A. C.; VEIGA, V. F. Jr. **Plantas Medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares.** Química Nova, v. 25, n. 3, p. 429-438, 2002.

MEDEIROS, M. F. T.; SILVA, H. P.; SENNA-VALLE, L. **Estudo preliminar do uso de plantas medicinais por benzedores e outros informantes de Santa Tereza, Espírito Santo, Brasil.** Revista Brasileira de Farmacognosia, v. 14, supl. 01, p. 19-21, 2004.

LOPES, Moita. **Investigação qualitativa em educação.** 1994, p. 331.

NUNES, R.A.; PEDROSA, R.C.; CECHINEL FILHO, V. **Fármacos e fitoterápicos: a necessidade do desenvolvimento da indústria de fitoterápicos e fitofármacos no Brasil.** Química Nova, v. 24, n.1, p. 147-152, 2006.

**PORTARIA MS/GM Nº 2.960, DE 09 DE DEZEMBRO DE 2008** – Aprova o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e cria o Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos.

PRIMAVESI, A. M. **Agroecologia: ecosfera, tecnosfera e agricultura.** São Paulo: Nobel, 1997.

\_\_\_\_\_, **Nº 886, DE 20 DE ABRIL DE 2010** – Institui a Farmácia Viva no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).

RAMOS, A.E. (Orgs.). **Flora do Distrito Federal, Brasil.** v.3. Brasília: **Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia.** p. 185- 197, 2006.

RIZZO, J. A. et al. **Utilização de Plantas Medicinais nas Cidades de Goiás e Pirenópolis, Estado de Goiás.** Revista de Ciências Farmacêuticas, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 431-437, 1999.

OLIVEIRA, C.J.; ARAÚJO, T.L. **Plantas medicinais: usos e crenças de idosos portadores de hipertensão arterial.** Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 9, n. 1, p. 93105, 2007.

Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. **Seminário Nacional de Plantas Medicinais, Fitoterápicos e Assistência Farmacêutica** – Preparatório à Conferência Nacional de Medicamentos e Assistência Farmacêutica. Brasília: SCTIE/MS, 2003.

Ministério da Saúde. **Proposta de Política de Medicina Natural e Práticas Complementares no SUS.** Brasília: Ministério da Saúde, 2005. 49 p. Documento não publicado.

Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Proposta de Política Nacional de Plantas Medicinais e Medicamentos Fitoterápicos**: versão sistematizada. Brasília, p. 33. 2002.

Neves, M. C. M. **Plantas medicinais: diagnóstico e gestão**. Brasília. Editora Ibama, 2001 (Série Meio Ambiente em Debate nº 35). 52p., 2001.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **WHO monographs on selected medicinal plants**. v. 4, 2005.

OLIVEIRA, F.C.S BARROS R.F.M., MOITA NETO J.M. **Plantas utilizadas em comunidades rurais de Oeiras - semiárido piauiense**. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, v. 12, n. 3, 2010.

PARENTE & ROCHA. et. al. **Farmacognosia, da planta ao medicamento**. Ed. Universidade/FRGS/ Ed. UFSC, 2001.

RODRIGUES & ANDRADE. G. et al. **A fitoterapia no SUS e o programa de plantas medicinais da Central de medicamentos**. Brasília, 2009.

RIBEIRO. **As plantas das Farmácias Vivas**. Fortaleza: 1997<sup>a</sup>.

SCHENKEL, E.P.; GOSMAN, G.; PETROVICK, P.R. **Produtos de origem vegetal e o desenvolvimento de medicamentos**. In: SIMÕES, C. M. O. et al. **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFRGS/UFSC, 1992.

SILVA, A. A. G.; SOUTO, W. M. S.; BARBOZA, R. R. D. **Utilização e comércio de plantas medicinais em Campina Grande, PB, Brasil**. *Revista Eletrônica de Farmácia*, 4: 175-198, 2007.

SILVA & PROENÇA; **Plantas da medicina popular Sul**. 5.ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

VASCONCELOS & VIERA. **Uso de plantas medicinais**. *Acta Botânica Brasileira*, v. 20, p. 135-142, 2001.

VILA VERDE, G. M.; PAULA, J. R., CARNEIRO, D. M. **Levantamento etnobotânico das plantas medicinais do cerrado utilizadas pela população de Mossâmedes (GO)**. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 13, supl., p. 64-66, 2003.

VEIGA JÚNIOR, V. F.; PINTO, A. C. **Plantas medicinais: cura segura?** *Química Nova*, v. 28, p. 519-528, 2005.